



Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia

ISSN: 1415-0549

revistadafamecos@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Brasil

BRANDÃO, CRISTINA; LINS, FLÁVIO; MAIA, ALINE
Itacolomi – uma TV para Minas Gerais
Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol. 18, núm. 3, septiembre-diciembre,
2011, pp. 877-893
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495551009015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Revista

FAMECOS
mídia, cultura e tecnologia

Tecnologias do Imaginário

Itacolomi – uma TV para Minas Gerais

Itacolomi – a TV for Minas Gerais

CRISTINA BRANDÃO

Professora na Faculdade de Comunicação da UFJF/MG/BR. <cristinabrandao49@yahoo.com.br>

FLÁVIO LINS

Professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF/MG/BR. <flavio.lins@oi.com.br>

ALINE MAIA

Professora na Faculdade de Comunicação da UFJF/MG/BR. <ninemaia@hotmail.com>

RESUMO

Este artigo apresenta um histórico da TV Itacolomi, inaugurada em novembro de 1955, em Belo Horizonte, Minas Gerais, ostentando o título de ser a emissora mais moderna da América Latina, naquela época. A história da TV no Brasil, relatada a partir das inovações e avanços estabelecidos no eixo Rio-São Paulo, é a mais conhecida e difundida entre os pesquisadores. Por isso, o presente texto objetiva lançar luz sobre outro recorte da história da TV brasileira, contando como a mídia que conquistou a população surgiu em outra importante capital do país. A partir de pesquisa bibliográfica e documental, além de coleta de depoimentos dos pioneiros da TV, traçamos a seguir um histórico daquela que pretendeu ser a “TV dos mineiros”.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e História; Televisão brasileira; TV Itacolomi.

ABSTRACT

This article presents an historical of TV Itacolomi, inaugurated in November 1955, in Belo Horizonte, Minas Gerais, bearing the title of being the most modern station in Latin America at that time. The history of TV in Brazil, reported from the innovations and advances established in the Rio-Sao Paulo, is the most known and widespread among researchers. Therefore, this article seeks to shed light on another cut in the history of Brazilian television, as telling the media that conquered population appeared in other major capital. From the research literature and documents, and collection of testimonies of the pioneers of TV, then traced the history of that one who claimed to be the “TV of the mineiros”.

KEYWORDS: Communication and History; Brazilian television; TV Itacolomi.

Em setembro de 1950, entrava no ar, no Brasil, a PRF-3 TV Difusora ou Tupi, em São Paulo, sob o comando de Assis Chateaubriand. Menos de um ano depois, em abril de 1951, era inaugurada a TV Tupi no Rio de Janeiro. Conforme Ivete Cardoso Roldão (1999), o modelo de TV adotado no Brasil desde o surgimento é definido como de livre mercado, de forma que não existe uma tradição ou cultura de televisão não comercial no país. O que se implantou foi um negócio dos mais lucrativos. Em meados da década de 1960, o país já possuía 34 estações de TV e quase dois milhões de aparelhos receptores (Bucci, 2004, p. 224). Desde então, a *caixinha mágica* vem conquistando os brasileiros, tornando-se cada vez mais presente nos lares e firmando-se como uma mídia de amplo espectro social e largo alcance cultural¹.

A história da TV no Brasil, relatada a partir das inovações e avanços estabelecidos no eixo Rio-São Paulo, é a mais conhecida e difundida entre os pesquisadores. Por isso, este artigo objetiva apresentar outro recorte da história da TV brasileira, contando como a mídia que conquistou a população surgiu em Belo Horizonte, outra importante capital do país. A partir de pesquisa bibliográfica e documental, além de coleta de depoimentos dos pioneiros da TV, traçamos a seguir um histórico da TV Itacolomi – aquela que pretendeu ser a “TV dos mineiros”, mas que, com o tempo, não resistiu à imposição das produções cariocas. Nossa finalidade é contribuir para a historiografia da televisão brasileira, explorando um aspecto ainda pouco esmiuçado por estudiosos da área.

Assim como no Rio de Janeiro e em São Paulo, foi também pelas mãos do empresário paraibano Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, ou simplesmente Assis Chateaubriand, que Minas Gerais obteve sua incursão no mundo da televisão. Assim como nas cidades em que já havia chegado, também em Belo Horizonte a televisão surgiu como uma novidade cujas possibilidades e utilidades foram sendo aos poucos apreendidas. Também na capital mineira, o novo aparelho, por ser caro, como toda

tecnologia, permaneceu por algum tempo como privilégio de classes e camadas sociais mais abastadas e, no geral, de nível cultural mais elevado. Fato que influenciou as características da programação da época, conforme veremos a seguir. A improvisação e o “aprender fazendo” davam o tom daquela época, mas não desanimavam os pioneiros (ou aventureiros) dos primórdios da TV.

Licença, experimentação e muito trabalho para consolidar a Itacolomi

O jornalista Assis Chateaubriand, em 1951, conseguiu junto ao presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, a concessão para uma emissora de TV em Belo Horizonte, mas que só entrou no ar em 1955. Segundo o ex-diretor da TV Itacolomi, José de Oliveira Vaz (2008), o motivo do atraso seria o mesmo Governo Federal, agora na figura de Getúlio Vargas, que dificultou a concretização do projeto. Para Vaz, a oposição que as Emissoras Associadas² fizeram ao segundo mandato de Vargas (1951-1954) culminaram em atitudes do governo para dificultar a execução do proposta em Minas. Somente quando assumiu Café Filho para seu curto mandato (1954-1955), foram permitidas e oficializadas a concessão e a autorização para a compra de equipamentos.

A licença de número 29.905/54 dizia que a emissora se chamaria TV Rádio Guarani, mas, pouco antes da inauguração, Chateaubriand mudou de ideia, provavelmente decidido a fazer uma homenagem ao pico que se eleva acima do horizonte na capital mineira, passando a emissora a se chamar TV Itacolomi, contrariando uma tendência da época, onde até mesmo nos Estados Unidos as emissoras mantinham os prefixos das rádios a que pertenciam. Antes da chegada da televisão a Belo Horizonte, os Diários e Emissoras Associados exerciam sua liderança nas comunicações na capital com os jornais Estado de Minas, Diário da Tarde e as rádios Guarani e Mineira.

A inauguração da emissora às 19h30min do dia oito de novembro de 1955, no topo do edifício Acaiaca – na época, o mais alto de Belo Horizonte – foi precedida por transmissões experimentais iniciadas no dia 21 de abril daquele mesmo ano, quando apareceu pela primeira vez na cidade uma imagem de televisão: um teste feito pelo engenheiro Victor Purri Neto³, mostrando o relógio da Igreja São José, a partir do edifício Acaiaca, marcando cinco minutos para as três da tarde. Segundo Purri Neto (2009), a imagem só foi obtida depois de três dias de trabalho intenso. No entanto, acreditamos que o objetivo era conseguir o resultado no dia 21 de abril, possivelmente a data mais importante para os mineiros, aludindo à morte de Tiradentes. A importância desta transmissão reside no fato de que apenas um funcionário ter presenciado como funcionava a televisão, em passagens rápidas pela Tupi de São Paulo e do Rio de Janeiro, aprendendo o mínimo necessário para orientar a equipe. Fernando Barroca Marinho, que se tornou um dos diretores da televisão, em 1954, fez um estágio de dois meses na TV Tupi de São Paulo e de um mês na emissora do Rio. Depois desta transmissão, houve um intervalo de dois meses para execução de outras obras, até que as experiências fossem retomadas.

Sabemos que os relatos dos pioneiros tendem a apresentar uma visão romântica da televisão que chegava, acentuando a importância e a visibilidade do evento, em uma cidade que nos anos 1940 e 1950 ainda começava a se industrializar e cuja imensa maioria da população era pobre. A chegada de um novo veículo, nesse processo, iria contribuir para que a cidade deixasse o ar provinciano.

Segundo o ex-diretor da Itacolomi, José de Oliveira Vaz (2008), à medida que os trabalhos para a instalação da emissora avançavam, tanto a população como os comerciantes da cidade começavam a acreditar no empreendimento que, até então, era visto com ceticismo:

“

Embora as principais casas comerciais de Belo Horizonte tivessem começado a anunciar a venda de aparelhos de televisão, ainda durante o mês de abril, somente em junho foi vendido o primeiro aparelho. O fato foi tão festejado que mereceu da Mobiliadora Inglesa um anúncio no Estado de Minas, do dia 24 de junho, comunicando que acabara de vender um conjunto de rádio e televisão da marca Philco, um importado de alto luxo. Aliás, todas as principais marcas anunciadas, Copenhart, Pionner e Zenith, eram importadas dos Estados Unidos.

(Vaz, 2008, p. 40)

Apesar da notícia veiculada no jornal Estado de Minas, a TV realizava apenas testes esporádicos e o aparelho era caro para a maior parte da população, podendo o fato noticiado ser apenas parte da estratégia das Associadas a fim de chamar atenção para o novo empreendimento.

Mesmo com o medo que a montagem da antena da emissora no alto do edifício Acaiaca causava entre a população, que temia uma tragédia – caso a antena despencasse ou um avião se chocasse contra ela – o trabalho era acompanhado passo a passo pela população curiosa. As transmissões experimentais prosseguiram com filmes e desenhos animados cedidos por particulares, consulados, e mesmo alugados, narrados pelos locutores da Rádio Guarani. Como o raio da TV Itacolomi saía dos limites de Belo Horizonte, em agosto já havia aparelhos instalados em cidades do entorno de Belo Horizonte, Sabará, Caeté, Betim e Nova Lima. Vaz destaca ainda que no início de agosto de 1955 foram feitas transmissões para os detentos da Penitenciária de Neves e para os internos do asilo Cidade Ozanan. Embora seja difícil justificar o motivo de tal transmissão, acreditamos que temos aí uma amostra da vocação popular da televisão.

Antecedendo a inauguração oficial, Chateaubriand, em visita a Belo Horizonte, decide fazer uma pré-estreia do veículo, para desespero da equipe que ainda não havia feito transmissões a partir do estúdio e com áudio ao vivo. Mas a transmissão foi realizada e deu certo. Segundo Vaz (2008), Chateaubriand iniciou sua fala elogiando a equipe técnica:

“

Mineiros televisionários de Belo Horizonte! Deveis estar ufanos da estação que os homens das rádios e televisão Associados vos deverão entregar dentro de algumas semanas. O time mineiro foi capaz de uma façanha: desconheceram os que montaram as suas outras duas irmãs do Rio e de São Paulo, e fizeram tudo ao jeito mineiro. Tendes a mais moderna estação da América Latina. [...] Dei-lhes uma televisão tão moderna que já tem dispositivo para transmitir em cores, o que acontecerá muito em breve, pois nos Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha já está em franca experiência. Para isto bastará apertar um botão e ligar uns poucos fios.

(Chateaubriand apud Vaz, 2008, p. 45)

Pouco tempo depois se realiza o último teste, com transmissão feita a partir do moderno caminhão de externas⁴, de uma prova de atletismo entre moças de colégios de Belo Horizonte.

Depois de prontas as estruturas técnica, administrativa e comercial, tem início a formação do *casting*⁵ artístico. Como naquele período o ponto forte da programação das tevês Tupi de Rio e São Paulo era o teleteatro, na Itacolomi não foi diferente. Formou-se

o elenco do teatro e toda a equipe da emissora, produtores, jornalistas, maquiadores, garotas-propaganda, orquestra, desenhistas, operadores, a maioria oriunda do rádio. Embora o elenco fosse de artistas mineiros, conhecidos do público de Belo Horizonte, para a estreia foram contratados também profissionais de renome do Rio de Janeiro e de São Paulo, como: Rodolfo Mayer, Leny Eversong, Dalva de Oliveira, Sivuca, Jackson do Pandeiro, Eva Todor, Cacilda Becker, Lolita Rodrigues, Erlon Chaves, Wilma Bentivegna e Ângela Maria, mediante árduo trabalho do departamento comercial para que as lojas de Belo Horizonte patrocinassem a programação. O mineiro Ary Barroso, músico que já havia alcançado o sucesso no Rio de Janeiro, também participou.

O jovem engenheiro mineiro, Víctor Purri Neto, com a equipe formada por Aduino Machado, Omar Cirino, Dário Souza Assunção, Paulino de Oliveira e Antônio Dalseco, tornava o sonho de Chateaubriand realidade. Sem a participação de técnicos americanos, ao contrário do que aconteceu no Rio e em São Paulo, o engenheiro instala no vigésimo terceiro e no vigésimo quarto andares do edifício Acaiaca, em Belo Horizonte, a emissora mais moderna da América Latina, que, segundo ele, deixaria para trás as Tupis paulista e carioca.

No ar, a TV para os mineiros

Com três câmeras no estúdio e três no caminhão de externas, estrutura excelente para a época, entra no ar a TV Itacolomi (Purri Neto, 2009). O locutor Bernardo Grimberg atravessa e rompe um círculo de papel com o logotipo⁶ da RCA, dando início às transmissões da inauguração. Como nas demais, a Igreja representada através do bispo, deu a sua bênção para a emissora logo nos primeiros momentos da transmissão. Falaram o Presidente da República Juscelino Kubitschek, o diretor das Associadas (então Senador da República), a madrinha da emissora, Ana Amélia Faria, o banqueiro Cristiano Guimarães, dono do banco da Lavoura, que financiou a montagem da

emissora, o governador Clóvis Salgado, o engenheiro Víctor Purri Neto e o diretor das Associadas em Minas, Newton de Paiva Ferreira.

Alguns intelectuais mineiros, como o escritor Mário Matos, na ocasião presidente da Academia Mineira de Letras, consideraram que o advento da TV no Estado reforçaria a mineiridade:

“

Sabe-se que o mineiro, criatura isolada na montanha, é mais doméstico que social. Somos o homem da casa. Levar a emoção artística para o lar é, sem dúvida, convidá-lo a admitir uma evolução notável, sem violentar-lhe o costume e a maneira de viver. Neste sentido, pode-se dizer que o desejo mais agradável para o homem das Minas é poder assistir a um espetáculo de arte, conferência ou concerto, metido no seu pijama e a fumar o seu cigarro de palha, no comodismo familiar. É a isso que chamamos cair a sopa no mel. A televisão é assim um fator de desenvolvimento artístico-social, segundo o estilo da mineiridade.

(Mattos apud Vaz, 2008, p. 53)

O diretor das Associadas em Minas encerrou a transmissão da solenidade explicando que os programas seriam produzidos com esmero, dentro dos preceitos morais e cristãos. A ordem da programação que se seguiu foi a seguinte:

20h50min – Coro Pró-Hóstia;

21h15min – Espetáculo dança apresentado pelo Ballet Minas Gerais;

21h45min – Honra ao Mérito;

23h10min – Minas por Minas, programa que mostrava particularidades e as artes de Minas.

Além da programação, o grande sucesso da noite foi os comerciais apresentados ao vivo, com garotas-propaganda que vieram especialmente da TV Tupi de São Paulo. Segundo os pioneiros, multidões permaneceram de pé, diante dos televisores espalhados na cidade. Mas embora pequeno o número de aparelhos vendidos, não paravam de crescer os *televizinhos* e as *televisitas*, que tinham acesso aos afortunados que possuíam um aparelho de televisão. Carlos Fabiano Braga (2009), ex-funcionário da TV Itacolomi, destaca que se formavam pequenas comunidades em torno daquelas casas que possuíam aparelhos de TV, muitas vezes assistidas do alto de um muro distante, mas que com a colaboração do vizinho que deixava o som da televisão mais alto, fazia a alegria da vizinhança. Belo Horizonte nunca mais seria a mesma.

As comemorações de inauguração seguiram-se até o dia 15, com participação dos ídolos do rádio do Rio e São Paulo levando ao delírio a população que nunca havia presenciado tantos astros reunidos. Mas, passado este período, a Itacolomi começa a demonstrar a vocação que permeará toda a sua história: a de ser uma TV regional, feita por artistas locais, e que por isso mesmo enfrentará dificuldades para conquistar a audiência da distante Juiz de Fora, na Zona da Mata de Minas Gerais.

Mesmo durante a semana de estreia, os programas com artistas locais sucederam-se e não foram poucos. Vaz destaca o Balé Minas Gerais, os Coros Pró-Hóstia e Pio X, a Orquestra Sinfônica da Polícia Militar, o palhaço Muxiba (Floriane Andrade) e seus artistas além da peça O Cara de Aço, que teria feito grande sucesso. Duas missas solenes foram transmitidas pelo caminhão de externas nos dias 13 e 15 de novembro, e realizou-se também uma mesa-redonda com políticos locais. O teleteatro e os grupos de balé clássico marcaram o primeiro ano da emissora. Acreditamos que no início da televisão do país, expressões artísticas, como o balé, ao lado do teleteatro, foram utilizadas para manter o vínculo com as elites, já que a programação, desde o primeiro momento, caminhava para o popular.

Desafios para a consolidação

Passada a inauguração inicia-se também o telejornalismo, no mesmo padrão de Rio e São Paulo – o apresentador em uma mesa, lendo o texto das notícias; ilustrações com eslaides, *graytelop* (aparelho que fazia efeitos com cartelas de letras e desenhos), gravuras, fotos e, mais tarde, filmes de acontecimentos nacionais. O jornal Estado de Minas fornecia as notícias e as fotos.

O primeiro noticiário foi o Repórter Real, patrocinado pela Real Aerovias Brasil. Os jornalistas da TV Itacolomi reescreviam as matérias vindas da redação do Estado de Minas e, segundo Vaz, algumas vezes checavam. O segundo noticioso foi o Repórter Esso, trazido para Belo Horizonte através da ligação entre Vaz e a McCann Erickson. O locutor escolhido por concurso foi Luiz Cordeiro. As notícias eram redigidas pelo jornalista Ramon Lago a partir dos telegramas *em inglês* enviados pelas agências.

Carlos Fabiano Braga (2009), que começou como porteiro na TV Itacolomi e logo assumiu as funções de ator, iluminador, técnico, datilógrafo, fotógrafo e, segundo ele, o que mais fosse necessário, discorda do ex-diretor da Itacolomi, José de Oliveira Vaz, que afirma que já em 27 de novembro de 1955, 19 dias após a inauguração, tinham sido vendidos mais de dez mil aparelhos para Belo Horizonte e região, conforme publicado no jornal Estado de Minas. Para Braga foram vendidos no máximo 500 aparelhos. Como o Estado de Minas pertencia aos Associados é possível que tenha exagerado nos números.

Braga (2009) destaca a aglomeração de fãs em frente ao edifício sede da Itacolomi para ver os artistas do rádio que iam se apresentar na televisão, mas que continuavam estrelas do rádio, já que a maioria da população não sabia bem o que era e não tinha televisão. A programação, que inicialmente era exibida das 19h às 22h, começa a se expandir aos domingos, entrando no ar às 10h com a transmissão da missa, futebol, teatro e vários programas menores para preencherem os espaços entre as montagens, desmontagens e deslocamentos do caminhão de externas. Segundo Braga, qualquer

um com alguma experiência podia ser requisitado para entreter os telespectadores entre as mudanças de cenário, tendo a atriz Clausi Soares se tornando a especialista na função, ou caso ocorresse alguma falha (Braga, 2009).

Tendo funcionado entre 1955 e 1980, quando a concessão da Tupi foi cassada, a Itacolomi, pertencente ao grupo da Tupi, passou por várias fases. Podemos considerar o primeiro ano como um período romântico, com destaque para a experimentação, e em que, segundo José Vaz (2008), a emissora trabalhou com as contas no vermelho, o que levou Chateaubriand, insatisfeito com o retorno do investimento, a trocar grande parte das chefias logo no início de 1956. Para Vaz, Chateaubriand “não mediu bem o mercado publicitário de Belo Horizonte ou julgou que os grandes anunciantes nacionais iriam programar a TV Itacolomi” (2008, p. 77), o que não aconteceu, e como ele tinha feito empréstimos vultosos em bancos, acreditou que mudando a direção, todos os problemas seriam resolvidos. No entanto, a TV seguia crescendo junto com o aumento do número de aparelhos, em ritmo lento. Mas a programação mineira alcançava sucesso. José de Oliveira Vaz, que assume a emissora em 1957, embora ainda não houvesse concorrência, já se preocupava com o que ocorria no Rio e em São Paulo, onde a TV Rio e a Record ameaçavam a liderança da Tupi – o que não demoraria acontecer em Belo Horizonte. O superintendente da TV Itacolomi começa, então, a tornar a estrutura mais profissional, criando novas chefias e organizando melhor os diversos departamentos. A partir daí surgem novos programas e o número de transmissões externas feitas pelo caminhão cresce.

Chateaubriand adquire nos Estados Unidos, em 1956, nove estações, que se destinavam a Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Campina Grande, Fortaleza, São Luís, Belém e Goiânia, logo depois viriam Vitória e Brasília, o projeto da rede estava a todo vapor, além das pequenas emissoras que vão surgindo em diversas cidades do interior do país (Simões, 1986).

Produções estrangeiras na “TV dos mineiros”

O primeiro golpe na produção da Itacolomi acontece em 1959, quando foi inaugurado o *link* BH-Rio, com a ligação por micro-ondas entre o edifício Acaiaca, em Belo Horizonte, e o morro da Urca, no Rio de Janeiro, feita através de nove pontos de linha, sendo sete deles intermediários: Serra do Curral, Ouro Branco, Santos Dumont, Ressaquinha, Juiz de Fora, Paulo de Frontin e Sumaré. Programas locais de grande audiência tiveram que dar espaço para a produção de Rio e São Paulo. Segundo Vaz, inicialmente a emissora poderia optar entre exibir ou não um programa, que viesse a ocupar o espaço de um local de sucesso ou que não se adequasse, caso o programa tivesse características que “não teriam aceitação em Minas” (Vaz, 2008, p. 102). Mas as telenovelas não foram recusadas.

Na década de 1960, a Itacolomi assume a administração da TV Alterosa, canal 2. Uma concessão foi feita a um grupo de jornalistas mineiros, liderados pelo repórter do Estado de Minas Nelson Sellman. Mas o grupo, verificando que não possuía recursos suficientes para implantá-la, repassa às Associadas a concessão, para que fosse montada e administrada pela empresa de Chateaubriand. A TV Alterosa passou a funcionar como uma emissora dos Associados e os proprietários recebiam uma parcela do faturamento. A vantagem do acordo foi impedir que chegasse mais um canal a Belo Horizonte, embora a Alterosa nunca tenha alcançado boa audiência, apenas facilitou a disputa da Itacolomi pela liderança.

Em 1961, a TV Itacolomi se adequa ao decreto do presidente eleito Jânio Quadros, no qual as emissoras de televisão deveriam fazer seus intervalos comerciais com três minutos, no máximo, mas esta situação nova acaba gerando um período de grande criatividade na programação. Além disso, qualquer produção deveria ter duração mínima de cinco minutos⁷.

Em meados dos anos 1960⁸ surge a TV Belo Horizonte, afiliada a TV Rio, reproduzindo a programação⁹ do Rio de Janeiro, que veio se juntar aos pro-

gramas produzidos pela Tupi Rio e veiculados através da Itacolomi, numa onda carioca. A emissora assume inicialmente a liderança no horário das 18h às 22h, em que estão as melhores verbas publicitárias. A partir daí, com programas mais bem feitos e grandes nomes conhecidos nacionalmente, dividirá com a Itacolomi, até a chegada da Globo, em 1968, a liderança da audiência em Belo Horizonte.

Segundo Braga (2009), “os modismos, como Leila Diniz começaram a invadir Belo Horizonte, como se a Savassi fosse Ipanema”. Para ele “tanto foi bom trazer a evolução quanto foi mal destruir a tradição”. A reação dos mineiros às modernidades do Rio de Janeiro se dá através da mesma Itacolomi, que exibia os programas cariocas. A emissora, acentuando o regionalismo que irá marcar toda a sua história, investe nos *links* para o interior, restando às cidades alternar o sinal da TV Tupi do Rio com o da Itacolomi, o que segundo Vaz (2008) deu certo, mas a Itacolomi já não estava mais sozinha na preferência do público de Belo Horizonte. Como enfatizou o ex-superintendente da TV Itacolomi:

“

Mas da análise que fiz para diminuir o avanço da TV Belo Horizonte, observei que se déssemos uma ênfase maior ao jornalismo, cobrindo principalmente os fatos do interior do Estado, onde a nossa concorrente não penetrava e mudássemos alguns horários de programas, poderíamos recuperar a liderança, já que a TV Itacolomi havia criado, nos dez anos em que atuou sozinha, um hábito nos telespectadores e não seria difícil trazê-los de volta ao canal 4.

(Vaz, 2008, p. 111)

Em 1965, com a chegada do videoteipe, acontece o segundo golpe na produção da Itacolomi, pois embora os programas e comerciais passassem a ter mais qualidade para enfrentar a programação da TV Belo Horizonte, já que podiam ser gravados com antecedência, os programas produzidos no Rio e em São Paulo podiam ser trazidos e exibidos facilmente¹⁰. Para o escritor Inimá Simões, “cada vez mais São Paulo e Rio de Janeiro determinam o que será visto nos aparelhos receptores de todo o país” (1986, p. 77).

De acordo com Simões (1986), a chegada do videoteipe vai desnudar o quanto está conturbado o universo da televisão brasileira, em especial das emissoras do Condomínio Associado, situadas em outros estados, adquirindo indiscriminadamente teipes da Globo, Excelsior ou Record, deixando muitas vezes os programas gerados na Tupi do Rio ou São Paulo, além de abandonarem a produção local, como começa a acontecer em Belo Horizonte. A novela *O Direito de Nascer*, por exemplo, um enorme sucesso de audiência, produzida pela TV Tupi de São Paulo, no Rio será exibida pela TV Rio e não pela Tupi carioca.

Com a chegada da Globo, que compra o canal da TV Belo Horizonte, em 1968, a TV Itacolomi começa a perder a liderança definitivamente, mas não de imediato, já que no final da década de 1960, por exemplo, a emissora exibiu a novela *Beto Rockefeller*, campeã absoluta de audiência em todo o país, além de outros programas que mantinham características regionais e agradavam ao telespectador. Mas os sucessos da Tupi não resistem à programação que a Globo elabora com os artistas que tira dos outros canais. O mineiro vê seu espaço na TV encolher, tanto na tela da TV Itacolomi - que se abre cada vez mais aos programas de fora -, quanto nos pequenos espaços que a Globo abre para a programação local.

Considerações finais

Acreditamos que a TV Itacolomi foi o último sopro de mineiridade na televisão em Minas, e a partir do seu fechamento, no dia 18 de julho de 1980, as redes de TV com sede no Rio de Janeiro e São Paulo passaram a produzir a maior parte da programação veiculada em Belo Horizonte.

Os programas infantis, os teleteatros, os jornalísticos, os musicais e todos os demais realizados pela Itacolomi, com um elenco de estrelas mineiras, levados a cabo por técnicos também mineiros, permanecem apenas na lembrança daqueles que assistiram, numa época em que a maior parte da programação era feita ao vivo. As produções feitas em película se perderam com o fechamento da Rede Tupi e suas afiliadas em 1980. Ficou apenas a memória dos pioneiros e dos telespectadores que tiveram oportunidade de assistir a “TV dos Mineiros”.

Poucos foram os profissionais que conseguiram dar continuidade a suas carreiras no Rio e em São Paulo, grande parte optou por outras atividades ou voltou para suas origens no rádio, no teatro e no circo. A importância deste texto reside principalmente em subverter o silêncio sobre a TV Itacolomi. Pois fez parte do processo de ampliação da Rede Globo no Brasil, a promoção do silêncio sobre a sua maior concorrente, a Rede Tupi, através da contratação de seus artistas e técnicos que construíram uma outra história, ficando a TV Itacolomi fora do processo de seleção do que é memorável ou não. Acreditamos com esta pesquisa ser possível retirar a TV Itacolomi da marginalidade da memória e dar início a um processo de reflexão sobre a “TV de Minas Gerais”. ●

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marialva Carlos. *Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória*. Niterói: EdUFF, 2007.
- BRAGA, Carlos Fabiano. *Carlos Fabiano Braga: depoimento* [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Belo Horizonte, 2009. 3 fitas mini-DV (60 min).

- BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias: ensaios sobre a televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- LINS, Flávio. *TV Mariano Procópio: Cariocas do brejo entrando no ar*. 2010. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2010.
- PURRI NETO, Víctor. *Víctor Purri Neto: depoimento* [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Belo Horizonte, 2009. 3 fitas mini-DV (60 min).
- ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. *A Imprensa Televisiva*. In: BARZOTTO, Valdir Heitor; GHILARDI, Maria Inês (Orgs.). *Mídia, Educação e Leitura*. São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- SIMÕES, Inimá; Costa, Alcir Henrique da; KEHL, Maria Rita. *Um país no ar: história da TV brasileira em três canais*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- VAZ, José de Oliveira. *TV Itacolomi: sempre na liderança*. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2008.

NOTAS

- ¹ Diversos fatores contribuíram para a centralidade da televisão entre os meios de comunicação no Brasil, como a concentração da propriedade das emissoras, a má distribuição de renda da população, o regime totalitário das décadas de 1960 e 1970, entre outros aspectos. É preciso ainda lembrar que até 1988 a legislação que regulamentava as concessões de rádio e televisão no país atribuía poder absoluto ao Presidente da República, conforme Ivete Cardoso Roldão (1999).
- ² A empresa “Associadas” englobava o conjunto de emissoras de rádio e televisão que faziam parte do império jornalístico de Assis Chateaubriand, que contava ainda com dezenas de jornais e revistas.
- ³ O engenheiro civil Víctor Purri Neto, pertencente a uma família de engenheiros mecânicos, sempre se interessou por eletrônica. Enquanto cursava a faculdade de engenharia trabalhava como técnico da Rádio Guarani, a curiosidade e o talento demonstrados por ele fizeram com que fosse convidado a assumir sem a assistência de técnicos americanos a montagem da primeira emissora de TV em Minas, além de nos anos seguintes ter atuado como professor universitário e como um dos diretores técnicos dos Associados (Purri Neto, 2009). São famosas as soluções criativas inventadas por ele a fim de viabilizar as transmissões de televisão a partir de cidades distantes de Belo Horizonte, bem como ainda na instalação da emissora (Vaz, 2008).
- ⁴ Chamamos “caminhão de externas” o veículo adaptado com aparelhos de transmissão de imagens e sons de televisão, capaz de enviar estes sinais a partir de qualquer local onde o veículo estacione e ponha em funcionamento seus equipamentos.
- ⁵ No meio televisivo dá-se o nome de *casting* ao um grupo de artistas que compõe o elenco do canal ou da produção televisiva.
- ⁶ Utiliza-se a denominação logotipo, para definir um desenho característico, com nome de marca ou com a marca comercial ou industrial de uma empresa.

- ⁷ No caso dos programas, poderia haver, no início e no final, uma mensagem do patrocinador, cujo tempo não excedesse um minuto. Na prática, os intervalos comerciais no horário nobre, que chegavam a durar 45 minutos, continuaram a separar os grandes programas nesse mesmo lapso ou até superior. Mas os intervalos passaram a ter dentro de si programas rápidos, de aproximadamente três minutos. Ficou assim: Comercial do programa nobre – um min; intervalo comercial – três minutos, comercial do programa rápido – três minutos; Programa rápido – três minutos; comercial do programa rápido três minutos; intervalo comercial três minutos, Comercial do programa rápido um minuto; programa rápido três minutos (p. 56). Com a renúncia de Jânio, cai o decreto mas alguns dos programas curtos, que surgem para serem exibidos durante os intervalos permanecem, Braga (2009) destaca Pingos de História e Aeronáutica e Espaço, tratando respectivamente da história universal e das novidades da aeronáutica. Segundo o autor, no governo Quadros, os cliques com os cantores das Associadas, apresentados com o nome de Prata da Casa, *Music Hall* e outros, também alcançavam enorme audiência, além de recitais de piano e do singelo programa Bola Murcha, que mostrava uma crônica esportiva datilografada com um fundo musical, que deveria ser lida pelo próprio telespectador.
- ⁸ Embora o livro de José de Oliveira Vaz faça referências à existência da TV Belo Horizonte apenas no período de 1965 a 1968, quando o canal é vendido para a Rede Globo, que passa a transmitir seu sinal na cidade, acreditamos que a emissora tenha começado a funcionar anteriormente, mas ainda não conseguimos localizar vestígios do canal afiliado à TV Rio. Segundo Vaz, em 1965 já estavam instaladas estações no percurso entre o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Além da estação em Belo Horizonte, já estavam instaladas as de Juiz de Fora e Conselheiro Lafaiete ligadas por *link* de micro-ondas ao Rio de Janeiro (Vaz, 2008, p. 107). Com a falência da TV Rio, todas acabam passando para o domínio da TV Globo. De acordo com Alcir Henrique Costa, a Rio foi uma emissora tipicamente romântica, do amadorismo, que não resistiria (e não resistiu) ao impacto da TV Globo, emissora típica do modelo industrial (Costa, 1986, p. 129).
- ⁹ Segundo entrevista do escritor Manoel Carlos à Funarte em 1981, a TV Rio funcionou como uma televisão local, e por muito tempo foi considerada televisão carioca mesmo, até tinha muita simpatia do público por causa disso.
- ¹⁰ Como os *links* da Tupi não funcionavam adequadamente e os desentendimentos entre os administradores do condomínio eram constantes, a solução encontrada foi comprar programas das tevês Record, Excelsior e Rio, “que tinham uma linha de shows muito boa, com artistas do porte de Elis Regina, Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Edu Lobo, Caetano, Gil e Chico Buarque. Eles começavam a despontar e gozavam de grande prestígio junto ao telespectador jovem. Um outro programa de muito sucesso que apresentávamos era o do Chacrinha” (Vaz, 2008, p. 134).